

NAS ENCRUZILHADAS DO SABER: O PODER DAS PLANTAS E SUA PRESENÇA NA MEDICINA POPULAR SUL-MINEIRA

Mariana de Carvalho Ilheo¹

RESUMO: As vidas vegetal e humana estão imbricadas em uma teia orgânica. Considerando os entendimentos sobre elas e os modos de conhecimento associados à sua aplicação prática, as plantas emergem como um assunto privilegiado para demonstrar a sobreposição de ontologias diversas tornando possível evidenciar a pluralidade de formas de ver e de ser no mundo. Este ensaio tem como objetivo refletir sobre o poder das plantas e sua presença na medicina popular experienciada na região sul de Minas Gerais; o recorte escolhido se entrecruza com a religiosidade ao discutir a prática de benzimento. A metodologia contempla uma etnografia multissituada a partir de um circuito percorrido ao longo da pesquisa e dos fluxos que conectam as diferentes localidades. Colocando as plantas em evidência, os resultados apontam para sua importância, especialmente em relação à produção de cura e bênção, por meio da sobreposição de aspectos culturais, rituais, medicinais e alimentares.

PALAVRAS-CHAVE: Plantas Medicinais. Medicina Popular. Saberes Tradicionais. Modos de Conhecimento. Antropologia.

ON THE CRISSCROSSES OF KNOW: THE POWER OF PLANTS AND THEIR PRESENCE IN POPULAR MEDICINE IN THE SOUTH OF MINAS

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Participa do Laboratório de Antropologia da Religião (LAR/Unicamp). E-mail: marianacarvalho.i@outlook.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3012-7649>.

ABSTRACT: Plant and human life are entangled in an organic meshwork. Considering the understandings about them and the ways of knowledge associated with their practical application, plants emerge as a privileged subject to demonstrate the overlap of different ontologies making it possible to highlight the plurality of ways of seeing and being in the world. This essay aims to reflect about the power of plants and their presence in popular medicine experienced in the southern region of *Minas Gerais*; the chosen approach crosses with religiosity when discussing the practice of *benzimento*. The methodology contemplates a multi-sited ethnography based on a circuit followed throughout the research and the flows that connect the different locations. By focusing on the plants, the results point to their importance, especially in relation to the production of healing and blessing, by the overlapping of cultural, ritual, medicinal and food aspects.

KEYWORDS: Medicinal Plants. Popular Medicine. Traditional knowledge. Ways of knowledge. Anthropology.

EN LAS ENCRUCIJADAS DEL SABER: EL PODER DE LAS PLANTAS Y SU PRESENCIA EN LA MEDICINA POPULAR DEL SUR DE MINAS

RESUMEN: La vida vegetal y la humana están entrelazadas en una red orgánica. Considerando las comprensiones sobre ellas y los modos de conocimientos asociados a su aplicación práctica, las plantas emergen como un sujeto privilegiado para demostrar la superposición de diferentes ontologías, permitiendo resaltar la pluralidad de formas de ver y estar en el mundo. Este ensayo tiene por objetivo reflexionar sobre el poder de las plantas y su presencia en la medicina popular vivida en la región Sur de *Minas Gerais*. El enfoque elegido se cruza con la religiosidad cuando se habla de la práctica de *benzimento*. La metodología contempla una etnografía multisituada a partir de un circuito seguido a lo largo de la investigación y de flujos que conectan las diferentes localizaciones. Al poner las plantas en foco, los resultados señalan su importancia, especialmente en relación con la producción de curación y bendición, mediante la superposición de aspectos culturales, rituales, medicinales y alimentarios.

PALABRAS CLAVE: Plantas Medicinales. Medicina Popular. Saberes Tradicionales. Modos de conocimiento. Antropología.

INTRODUÇÃO: NO FLUXO DAS PLANTAS

A fim de explicar a história das ciências, a fim de bem conhecer o seu curso, é costume tomar notícia cuidadosa de seus primeiros começos; esforça-se por pesquisar quem primeiro voltou sua atenção a certo objeto, como foi sua abordagem, onde e quando primeiramente se levou em consideração de tal maneira certos fenômenos até que de pensamento em pensamento se destacaram novos pontos de vista, que enfim designam, comprovados universalmente em sua aplicação, a época em que veio à luz do dia de maneira indubitável o que chamamos uma descoberta, uma invenção. Eis uma admoestação que oferece a mais variada ocasião para conhecer e estimar as forças espirituais humanas (GOETHE, 2019, p. 61).

Em 1790, o poeta Goethe publica na Alemanha um tratado no qual descreve os ciclos do desenvolvimento – desde a semente aos frutos, passando pelas raízes, caule, folhas e flores – a partir do que chamou de *A metamorfose das plantas* (2019). Com isso, postulou uma teoria ao observar que esse desenvolvimento se dá através da transformação de um órgão, que em seu devir se transforma e toma forma das estruturas do vegetal. Em um pequeno trecho, quando se permite fazer considerações sobre o contexto de sua incursão botânica, chama atenção sem querer para a metamorfose das ciências a partir de descobertas e de debates desencadeados por observações científicas. E emenda com a constatação da relação entre essas descobertas e um tempo, uma época, que evoca o caráter social do que apareceria depois como um “fato científico”.

Isso remete a um longo processo histórico que conflui da curiosidade e da experimentação por parte de alguns sujeitos em lugares distintos, com cultivos e consumos mais variados de plantas pelas pessoas – ou seja, ao longo de seu próprio processo de metamorfose, passando de seres animais e transformando-se em humanos. A botânica surge em seu sentido moderno circunscrita ao naturalismo europeu do século XVIII, no campo da Biologia e relacionado à elaboração de um método taxonômico

para classificar todas as espécies vegetais conhecidas – e com pretensões universais que até certo ponto, se cristalizam na Ciência – como uma dessas descobertas que se constituem enquanto paradigmáticas. É quando as chamadas ciências da natureza passam a campos de conhecimento independentes, congregadas pela filosofia, desde a chamada Revolução Científica. A partir disso, uma série de transformações tecnológicas possibilitou ao “homem moderno” o exercício de sua racionalidade para explicar a vida, ponto de virada que diferentes autores no campo da história das ciências chamam “grande divisão”: quando o mundo passa a ser explicado por separações como real e imaginário; material e espiritual; divino e humano; humano e animal; natureza e cultura; sujeito e objeto; bem e mal, religião e magia, etc.

Em meio a essa dinâmica, os conhecimentos sobre plantas, por sua vez, foram sendo expropriados de seus detentores [“primitivos”] e traduzidos em função de um vocabulário cartesiano [“civilizado”], no qual certos saberes relacionados a seus usos, manejo e cultivo – que marcam a existência de povos ditos tradicionais ao redor do mundo todo, mas também aparece desde a antiguidade clássica ocidental até a modernidade contemporânea – são colocados como anteriores ou opostos ao que chamam científico. Outra consequência disso seria, paradoxalmente, a invisibilização do processo de metamorfose das plantas, com sua classificação enquanto objetos – não seres, secundários no processo de desenvolvimento humano (MANCUSO, 2019; 2021).

No caso do Brasil, as plantas poderiam mesmo contar nossa história de outra perspectiva, colocando no centro da narrativa, por exemplo, o pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) ou outras plantas que foram fundamentais para os processos de formação e transformação da sociedade brasileira – como a mandioca (*Manihot esculenta*), a cana (*Saccharum officinarum*), a seringueira (*Hevea brasiliensis*) ou mesmo a soja (*Glycine max* L.). Trata-se, portanto, de um exercício de enunciar a presença e assumir sua centralidade ao pensar com as plantas (NASCIMENTO, 2021).

Pensando nelas como testemunhas da história da ciência brasileira (FERNANDES, 2004) – considerando tanto atravessamentos individuais e coletivos, como institucionais, incluindo Universidades, Centros de

Pesquisa e Jardins como instrumentos científicos para a produção de conhecimento –, é possível recuperar sua presença através de pesquisas e estudos sistemáticos ainda nos primeiros séculos da colonização, através de relatos feitos por missionários e cronistas. Mas, com o surgimento da botânica, tornam-se comuns expedições científicas para descrever a flora local, compreendendo suas especificidades e os usos feitos pelas populações nativas. Entre esses inventários, pode-se citar o estudo feito por Karl Von Martius, no começo do século XIX, sobre as *Plantas usadas pelos brasileiros e suas substâncias medicinais* (2023), publicado originalmente em 1843; obra que possibilita o entrecruzamento entre a Botânica e a Medicina.

Em meio a esse cenário se orquestrava, tanto pelo Estado como pela elite intelectual – que também provia doutores formados em instituições estrangeiras que voltavam para atuar em sua pátria –, um esforço para combater a atuação de terapeutas populares diversos, como sangradores, barbeiros, cirurgiões, dentistas, ervateiros, parteiras, entre outras (PIMENTA, 2003). Além de visar o progresso pela Ciência, isso endossava a campanha pela especialização dos conhecimentos médicos, com a implementação de instituições de ensino superior no país, além de hospitais e outros espaços terapêuticos como as estâncias balneárias. Aos poucos, a prática e linguagem médicas absorvem aspectos da medicina tradicional a fim de apropriar-se dos modos que o povo entendia e usava para tratar suas mazelas para então propor soluções substitutivas por meio de equivalências científicas para o conhecimento popular (CHERNOVIZ, 1890; SÃO PAULO, 1936).

Na esteira da modernidade nacional, as medicinas populares passaram a ser descreditadas pela medicina científica e ao mesmo tempo tornam-se alvo de ações de criminalização, gerando a associação do charlatanismo à aplicação de curas milagrosas. Assim, a medicina popular é vista de um lado como credence, no plano do folclore, mas também reconhecida como parte do conhecimento científico popular (TEIXEIRA, 1954; CASCUDO, 2013; CAMARGO, 1975). Conhecimentos, conforme Câmara Cascudo (2013), testados e verificados experimentalmente, fixados através da tradição por meio de sua repetição cotidiana e transmissão

geracional; longe de serem homogêneos, estão relacionados às regiões culturais e ambientais do Brasil, bem como às matrizes culturais indígenas, africanas e ibéricas (CASCUDO, 2012; OLIVEIRA, 1984).

Se, no começo, a “perspectiva científica” era de que esse tipo de conhecimento – tido como arcaico, ingênuo e mesmo associado a um modo de vida rural, que se procurava vincular ao atraso civilizacional – desapareceria, já ao final do século vinte o cenário é marcado pela passagem dos usos tradicionais e populares das ervas medicinais à fitoterapia, como um campo de conhecimento sistematizado e cientificamente validado (ARAÚJO, 2002). Com isso, tem-se a inclusão de plantas medicinais e produtos fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (SUS) enquanto parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) (BRASIL, 2006). Por um lado, tais políticas fixam entendimentos e passam a regular as práticas que são naturalmente diversas – incluindo aspectos sobre propriedades farmacológicas, usos, dosagem e preparo, tanto quanto produzindo diretrizes sobre boas práticas para a produção de produtos fitoterápicos (BRASIL, 2013). No plano empírico, nem sempre são negociáveis e formulados de forma não violenta frente aos povos tradicionais e seus conhecimentos. E aqui se pode pensar na PNPIC enquanto um tipo de política ontológica que, por sua vez, contempla perspectivas ontológicas diversas sobre o corpo e as noções de saúde, doença, sintomas e tratamentos (MOL, 2022; 2007).

Por outro lado, a ação se desdobra enquanto forma de inclusão dessas práticas terapêuticas historicamente marginalizadas a despeito de sua presença amplamente difundida na cultura brasileira (BARROS, 2006; ARAÚJO, 2002). Assim, é reconhecida a legitimidade dos saberes de fora do domínio médico-científico, mas estes saberes estão intrinsecamente conectados à Ciência. Ações desse tipo, para além do campo da saúde, também visam a garantia e a preservação, tanto da flora como da fauna, nos diferentes ecossistemas e biomas brasileiros (BRASIL, 2015). Relacionados à biodiversidade estão os saberes e conhecimentos tradicionais, os povos e aspectos característicos de seus modos de viver. Experiências pautadas por uma percepção afinada do ambiente que permite a constante ampliação

dos sentidos e educação da atenção para estar no mundo de forma engajada (INGOLD, 2012; 2010).

Considerando que tais experiências variam entre o cerrado (FAR-MACOPEIA POPULAR DO CERRADO, 2009), a caatinga (CAMARGO, 2019) ou a floresta amazônica (SILVA & MAUÉS, 2013; BARRETO, 2017) – onde as plantas são fundamentais para segurar o céu, adiando o fim do mundo (ALBERT & KOPENAWA, 2023) –, o cruzamento entre as plantas e as noções de saúde, cura e doença pode fornecer pistas e comparações, evidenciando conflitos ontológicos (CAMARGO, 1998; 2005; 2014; SILVA & MAUÉS, 2013).

A isto se relaciona o que se pretende expor a seguir. O objetivo deste ensaio é refletir sobre o poder das plantas e sua presença na medicina popular praticada na região sul de Minas Gerais, tendo como ponto de partida um estudo sobre o caso do benzimento. Isso porque, na benzeção, as plantas, como outros elementos naturais, estão ligadas à energia vital: “O vegetal representa a unidade fundamental da vida, através das características cíclicas da existência: nascimento, maturação, morte e transformação” (PEREIRA & GOMES, 2018, p. 45). Seu simbolismo contém a força vital latente no grão e que se concretiza na germinação e com seu crescimento (Idem) – ou sua metamorfose (GOETHE, 2019). Elas permitem interações e conexões, bem como facilitam o aprendizado e a ampliação de uma consciência entendida como total.

Trata-se de uma discussão que sintetiza resultados da pesquisa etnográfica sobre este fenômeno, com a proposta de ser um exercício descritivo que pretende dar foco às plantas. A hipótese que sustenta essa perspectiva é a de que pensar com as plantas mostra encruzilhadas entre diferentes modos de conhecimento e visões de mundo, de corpo e bem-estar. Tais enredamentos ainda abrem para desvendar os significados, as habilidades e tecnologias associadas ao saber-benzer. Este texto tem relação com uma série de trabalhos desenvolvidos em uma trajetória investigativa que se desdobra ao longo da graduação e do mestrado, entre os anos de 2015 a 2022, com o que se pretende chamar atenção aos diferentes recortes possíveis a partir desse tema (ILHEO, 2017; 2018; 2022). Nesse sentido, responde a um esforço sistemático e contínuo para

catalogar registros e casos empíricos com o propósito de entender as transformações da prática, dos entendimentos e das condições materiais de sua ocorrência.

Esse movimento pressupõe uma perspectiva metodológica multissituada, que parte do fato de que as informações reveladas têm a ver com minha própria inserção e deslocamento em meio ao espaço onde nasci e cresci, sendo benzida pela bisavó materna – com o engajamento na pesquisa, interlocutores que foram sendo mobilizados através de pessoas conhecidas e que, por sua vez, mobilizaram suas próprias redes de relações para fazer circular a informação, contribuíram para esse resultado, inclusive através da internet. Partindo da cidade de Campestre, foi possível pensar no fluxo entre outras localidades da região como Poços de Caldas, Machado, Poço Fundo, Botelhos. E com isso organizar um quadro com dezessete casos, sendo 10 benzedeadas e 07 benzedores, entre falecidos e vivos; distribuídos tanto pela zona urbana como pela zona rural, nota-se o fluxo de pessoas entre localidades em busca de visitar tais especialistas, mesmo nos relatos.

Desse modo, as considerações etnográficas incorporam não só incursões em campo como experiências pessoais e familiares, pautadas por memórias afetivas, conversas informais, entrevistas semi-estruturadas e outras ferramentas metodológicas – como a aplicação de um questionário online (ILHEO, 2022, p. 282-291). O material analisado inclui observações feitas nesse contexto, assim como o levantamento de fontes orais e documentais – em suportes digitais e impressos, entre outros, como vídeos e reportagens – o levantamento bibliográfico e de conteúdo digital.

AS PLANTAS NA MEDICINA POPULAR SUL-MINEIRA

Como bem apontou Frei Chico (2013, p. 626), a medicina popular oferece respostas concretas aos problemas de doença e problemas vividos no dia a dia; e exatamente por ser uma realidade dinâmica é que não pode ser compreendida como presa ao passado. Essa realidade é formulada a partir de rezas, simpatias e receitas que incluem o uso de plantas – vistas

como criaturas sagradas e, assim como humanos, fazem parte da natureza; ambas as espécies, como outras, enquanto criação divina.

Isso pode ajudar a compreender, por exemplo, a presença das plantas em relação a temas impensados, mas para os quais são incorporadas de maneira central. Uma dessas dimensões tem a ver com a sua presença em narrativas mítico-sagradas entre povos e culturas diversas – como o simbolismo do galho de oliveira (*Olea europaea* L.), para os cristãos² – e a invisibilidade que lhe é dada. Outro exemplo é sua relação com aspectos devocionais, considerando sua presença como parte do imaginário popular no que toca os rituais e as celebrações sejam elas individuais ou coletivas – tanto as ditas “oficiais”, organizadas e executadas pela Igreja, como as comunitárias.

Entre os eventos importantes para o calendário oficial católico está o Domingo de Ramos: marcando o início da Semana Santa, no domingo que antecede à Páscoa, quando é comemorada a entrada de Jesus em Jerusalém; e cujos ramos fazem referência a algum tipo de folhas grandes e alongadas, utilizadas pelo povo para saudá-lo. A tradição mineira reza que, durante a Missa desse dia, os fiéis estejam junto a galhos de plantas que são benzidos pelo Padre durante a cerimônia anual. Depois, são postos a secar e queimados; na Igreja, a queima coletiva e ritualística fornece material suficiente para alimentar a celebração da Quarta Feira de Cinzas da santa semana do ano seguinte (ILHEO, 2018). Após serem cultivadas e postas nesse fluxo, tornam-se sagradas e, enquanto não chegam ao fim de seu ciclo simbólico-material, se tornam amuletos que protegem a casa das pessoas, representando através de suas cinzas a renovação e a cura.

Como apontou Maria Cecília Minayo (1994), a cura na medicina popular brasileira é fortemente influenciada não só por aspectos regionais, assinalando uma diversidade de fenômenos imensa, como pela forma como a religião é vivida. Uma vez que o corpo é entendido como um todo contínuo em relação ao mundo, partindo do princípio de sua natureza

² Planta que, paradoxalmente, fica em segundo – ou até mesmo nem aparece – na narrativa mítica, como observa Stefano Mancuso sobre a narrativa de que foram colocados exemplares de todas as espécies vivas na Arca de Noé, mas nenhuma planta (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AIfwFLDXFyQ>>. Acesso em: 19/janeiro/2024).

sagrada, essa cura pode ser alcançada pela atuação da clínica médica. Mas isto não anula nem o fato de que seu entendimento, por essas pessoas, é forjado a partir de aspectos postos em termos que não são os do pensamento científico (MINAYO, 1988); e nem que ela pode ser alcançada através de tecnologias como as bênçãos, as promessas e os milagres – estes últimos vistos como tão raros quanto significativos (MINAYO, 1994). A cura pode ser mediada por uma força sagrada: o que pode englobar algum santo, entidade, orixá, alma antepassada, entre outros entes que compõem a cosmologia incorporada pela medicina popular em cada local. E assim seguem ocorrendo bênçãos, promessas e milagres junto com simpatias, garrafadas, banhos, amarrações, chás, feitiços, conjuros, benzimentos, rezas ou outros rituais individuais e coletivos (Idem).

No campo da terapêutica popular que engloba saberes, preparos e procedimentos rituais – ou folcmedicina (WEITZEL, 2022) – é concebida entre múltiplas dimensões, experiências e perspectivas, graças à conexão sistêmica em que um ser está enredado a outros através de seu corpo. Essa concepção de cura envolve as dimensões física, psíquica e espiritual, aproximando as noções de corpo e alma. Com isso, na prática, se sobrepõem múltiplas alternativas terapêuticas e religiosas da tradição popular a fim de garantir camadas de proteção e saúde em todos os aspectos. No caso da benzeção, além de bênção e cura, isto envolve ainda a noção de bendizer na medida em que é a prática tem seu significado culturalmente relacionado à palavra como meio de preces e orações, acompanhada de gestos e coisas voltadas para ações específicas ao tratamento de cada aflição (ILHEO, 2022).

O corpo então é concebido a partir dessas costuras entre aspectos divinos e humanos, naturais e culturais, mágicos e religiosos, sagrados e profanos. As noções de corpo e doença então acompanham essa fluidez, como se verifica através dos entendimentos sobre o corpo saudável e o corpo doente – corpo que, por sua vez, pode ser uma pessoa, um animal, uma planta, uma alma, entre outras formas. A saúde contempla uma visão holística que integra este corpo como um todo: suas partes em relação ao ambiente em que esse ser vive, sem excluir a espiritualidade (ILHEO, 2018; 2022). A falta de saúde pode ser significada como um desequilíbrio

na relação entre todas essas dimensões; ou a partir de um fato certo como parte de um plano maior no qual cada ser vai desempenhar um papel predestinado nessa trama de vida. Ou ainda entendida como um castigo divino, no caso de humanos, em função de alguma falha ou pecado anterior; ou seja, para além do plano orgânico, material, uma aflição pode ser desencadeada por forças sobre-humanas. Isto inclui ainda males “postos”, vistos como forças direcionadas intencionalmente ou não que desencadeiam problemas como inveja ou olho gordo em relação a outra pessoa ou a alguma coisa que esteja próxima dessa pessoa, ou males “feitos” – como as simpatias e feitiços, rituais direcionados para provocar uma ação, o que eventualmente pode incluir malefícios a depender da intenção de quem pratica (ILHEO, op cit). Portanto, uma doença pode ser invisível, sem sintomas aparentes, como também pode materializar-se através de sintomas físicos, psicológicos, espirituais ou materiais (BRANDÃO, 2007; POEL, 2013; MINAYO, 1988).

No caso mineiro – que tem fronteiras entre a saúde, a religião e a magia muito pouco definidas, considerando relações sincréticas profundamente enraizadas no plano das tradições (BRANDÃO, 2007; POEL, 2013) –, esse cenário contempla devoções compartilhadas dentro de uma chave “nacional” como Nossa Senhora Aparecida, ao mesmo tempo que contempla também manifestações devocionais regionais e locais. Aqui, esse debate aponta para figuras como Santos Reis e São Benedito junto com as festas, celebrações e rituais empreendidos a partir da lógica da dádiva – como as Folias de Reis e as Congadas, respectivamente. É dentro dessa lógica da dádiva, portanto, que são produzidas cura e bênção, mobilizando sucessivas prestações e contraprestações simbólicas e materiais; o que pressupõe trocas sucessivas onde, a partir de um dom compartilhado, outra pessoa é acolhida e se coloca na obrigação de retribuir, não só através do reconhecimento de sua atuação como mestre em uma habilidade artesanal como por meio de coisas e outras ofertas que estão ligadas ao sagrado e às necessidades materiais cotidianas (ILHEO, 2022, p. 170-171). No plano da cultura popular, essa economia de dádivas e a conexão com os deuses do povo é mediada por agentes populares especialistas, mestres detentores de notório saber relacionados aos conhecimentos ditos tradicionais – entre

o que figura a religiosidade, mas estão também especialistas em variadas vertentes da medicina popular, incluindo usos das plantas medicinais.

Entre tais agentes estão benzedeadas e benzedores, cuja atuação reforça as diferentes faces da medicina popular sul mineira e sua interseção com a religiosidade popular. Sua presença local também é documentada por trabalhos que visam compreender sua permanência e condições de ocorrência em uma região de economia agrícola e marcadamente católica, assim como a relevância para a identidade e a memória (Cf. BERNARDES, 2023; SIQUEIRA, 2017).

Entre as relações verificadas pela pesquisa nesse contexto, pensado como uma trama (INGOLD, 2015), seguir suas linhas possibilitou inicialmente identificar a trajetória de “senhoras do sagrado, médicas do povo”: mulheres que, além de benzedeadas, foram ainda parteiras e ervateiras (ILHEO, 2017). Povoando a memória de pessoas que tiveram as infâncias marcadas por sua atuação, seja através dos cuidados direcionados às mães e às suas crianças, desde o parto até a idade adulta, muitas vezes ajudando a criar ainda gerações seguintes. As narrativas mostram que tais mulheres têm papel fundamental para a manutenção da saúde individual e coletiva, muitas vezes estendendo o alcance de seus cuidados para famílias e comunidades inteiras.

Esse universo contempla aspectos da saúde de um recém-nascido desde coisas relacionadas ao desenvolvimento – como a falta ou atraso do desenvolvimento da cobertura óssea no topo do crânio, chamada popularmente de “moleira” aberta – até problemas como quebrante³ e espinhela caída⁴, medo de andar ou o chamado mal de simioto⁵; mas também a utilização de ervas medicinais aplicadas a compressas, como as propriedades calmantes da camomila (*Matricaria chamomilla* L.). O uso de

³ Quando a criança está inquieta ou chorando bastante, pode ter pegado quebrante. Outro sintoma, comum também em adultos, é sonolência ou o ato de bocejar repetidas vezes. Essa carga pode se manifestar ainda em forma de inveja ou mau olhar.

⁴ Dor ou distúrbio no tubo digestivo, mas também pode estar relacionada com costelas ou ossos, especialmente da região torácica, fora do lugar.

⁵ Doença não reconhecida pela medicina clínica, somente pela popular, cujo quadro sintomático se parece com desnutrição aguda e pode estar relacionada a problemas alimentares.

chás não é indicado para crianças antes de seis meses, sendo recomendado por pediatras após a introdução alimentar a outras coisas além do leite. Após essa idade, as pessoas relatam, por exemplo, o uso de chás e infusões como de erva-cidreira (*Lippia citriodora* / *Lippia geminata*), que conta com propriedades para o tratamento de distúrbios respiratórios e estomacais, além de calmante e antiespasmódica, ou de hortelã-pimenta (*Mentha piperita*) – que trata também distúrbios gastrointestinais e estimula as atividades digestivas e cardíacas, além de propriedades, calmantes, vermífugas, expectorantes e contribuir para o combate de icterícia e de cálculos biliares.

Algumas plantas também são aplicadas para cuidados complementares dedicados às mães em período puerpério, alinhadas às demandas da maternidade – como a própria hortelã, que auxilia na produção de leite materno. A borragem (*Borrago officinalis*), que além de também aumentar a produção de leite, fornece folhas para fazer o chá usado para tratar afecções renais, hepáticas e na bexiga, reumatismo, debilidade cardíaca, resfriado, anti-inflamatório; mas também o pó das sementes para preparo de cataplasma para tratar queimaduras. Ou a cenoura (*Daucus carota*), cujo chá é visto como calmante e auxiliar na cicatrização de rachaduras nos seios ocasionadas pela amamentação, além de ser aplicado contra polineurite.

Algumas dessas ervas são aplicadas também aos cuidados com os corpos de mulheres ao longo de diferentes momentos de suas vidas – como a cânfora (*Artemisia camphorata*), usada em forma de chá contra hemorragia uterina, mas também reconhecida por suas propriedades sedativas, utilizada no tratamento de epilepsia, histeria, hipocondria, nevralgia, melancolia, epilepsia, reumatismo. Ou o chá de cardo-santo (*Carduus benedictus*) para tratar afecções no útero, ou ainda asma, vômitos, resfriado e gripe; e sua infusão para uso externo em tratamento de problemas como abscessos, contusões, feridas e furúnculo.

Outro exemplo da aplicação de plantas medicinais para cuidados com o corpo feminino é o uso de chás para a regulação do ciclo menstrual – como no caso da salsa (*Petroselinum* sp / *Petroselinum crispum*), que também pode ser aplicada em forma de emplastro, para o uso externo visando ativar suas propriedades cicatrizantes. Da malva (*Malva rotundifolia* /

Malva sylvestris), usada contra úlcera, inflamações na laringe, na redução de inflamações e com ação emoliente. Da ponta-livre ou pronto-alívio (*Achillea millefolium*), cujo chá também trata as famosas “pontadas” em todo corpo, fruto de gripe ou resfriado, ou ainda do estômago. E da losna (*Artemisia absinthium*), aplicada para distúrbios hepáticos e gástricos e hepáticos por facilitar a digestão, tratando diarreia, vermes e mau hálito, além de ser estimulante do apetite.

Algumas plantas, entretanto, são empregadas como remédios e ao mesmo tempo podem ser associadas a efeitos colaterais. É o caso da romã (*Punica granatum*), que cura dores de garganta além de ser anti-inflamatória e vermífuga; da arruda (*Ruta graveolens*), cujo chá também serve como vermífugo, assim como trata nevralgia, paralisia, gases intestinais, e sua infusão mata piolhos, cura feridas (Imagem 1). Ou mesmo da canela (*Cinnamomum zeylanicum*), composta de propriedades termogênicas. Todas elas podendo tanto regular o ciclo menstrual quanto produzir efeitos abortivos, estimulando contrações uterinas. Ou seja, o meio termo entre a solução e o veneno. Como também ocorre com a guiné (*Petiveria alliacea* / *Petiveria tetrandia*), sendo o chá das folhas diurético e bom para cólicas menstruais, mas pó da raiz em potencial letal, causando convulsão e acarretando o fechamento da faringe e possível paralisia cerebral.

Como discutido em Ilheo (2017), espaços de socialidade femininos situados no âmbito doméstico são lembrados como um ambiente que favorece a produção e transmissão de conhecimentos entre as mulheres nesse contexto – seja aqueles ligados aos cuidados, especialmente com corpos femininos, ou à execução de ofícios religiosos institucionais ou não – e também a outros campos de saber como, por exemplo, a culinária e ofícios artesanais variados. Através dessas lembranças é que as pessoas crescidas nestas casas narram suas experiências com a benzeção, atravessando suas vidas todas com a presença de acolhimento e produção de memórias afetivas. Nesta direção, tudo vai se dando através dessas relações interpessoais baseadas na lógica da dádiva, emaranhadas à prática religiosa em sua pluralidade.

A produção e transmissão de saberes sobre a medicina e a religiosidade popular se desdobram nas tramas do cotidiano, através de

relações familiares ou comunitárias, junto a ações fundamentais de que cada pessoa depende para viver, como comer, contar, abençoar, curar. As plantas participam desse processo, que envolve experiências que incluem alternativas diversas: receitas, rituais, simpatias, feitiços, benzeduras, leituras de cartas ou das mãos; isso pode estar acompanhado pela mediação de artigos entendidos como veículos de poder (o que inclui de estátuas ou imagens a cristais e ervas). Os saberes associados a tais procedimentos curativos, visando tratar doenças e seus sintomas de forma integral, portanto, não desconsideram os corpos em suas múltiplas dimensões tampouco as várias camadas de significados dos processos terapêuticos.

No caso das plantas, pode-se perceber que são igualmente concebidas como múltiplas e, por isso, se dão sobreposições nos entendimentos acerca de seu preparo, usos e benefícios. Assim que o preparo e a utilização das plantas levam em conta combinações entre suas propriedades medicinais, mas também rituais ou alimentares. Se uma aplicação não exclui a outra, importa conhecer cada planta para compreender as interações entre elas e outras espécies vegetais e animais, e ainda entre elas e as pessoas que lhe consomem (CAMARGO, 1998; 2005; 2014). Além de saberes associados ao cultivo das plantas, às preparações e consagrações adequadas, o que fica evidente é o profundo conhecimento das pessoas sobre a natureza, seus ciclos e entes – compreendendo sua sacralidade, a qual também pode ser acionada por meio do ritual de benzimento. Seja um saber conquistado por meio de um engajamento individual na busca por conhecimentos relacionados ao tema – quase como uma missão, um destino ou uma sina –, ou de informações aprendidas e transmitidas geracionalmente através de hábitos coletivos (ILHEO, 2022).

O uso de plantas e ervas apareceu ainda, neste contexto, associado à benzedura, ambos como ações terapêuticas incluídas no domínio da medicina popular. Em alguns casos, benzedoras e benzedores acumulam ainda os ofícios de curandeira/curador e ervateira/ervateiro, em vista de conhecimentos relacionados à aplicação dessas plantas no tratamento de problemas mais simples, como uma criança assustada, ou mais complexos e que exigem tratamento clínico, como icterícia (ILHEO, 2018; 2022).

A maioria entre essas benzedoras e benzedores não recomenda a ingestão de preparações com plantas medicinais durante o ritual, para não haver interferência. E quando aparecem durante o benzimento, as plantas são empunhadas e relacionadas às ações curativas específicas, sobretudo mobilizando suas capacidades de puxar os diferentes males (ILHEO, 2022, p. 214). Ou seja, são utilizadas de forma geral para curar alguns problemas que se alojam no corpo a fim de atraí-los para fora dele; ao puxar para si, acabam com a situação de sofrimento desse corpo. Exemplo que torna evidente tal dinâmica de circulação desse tipo de doença – além dos castigos divinos ou dos males postos ou feitos, produzidos por um e direcionados para outro corpo – tem a ver com essa aflição que “sai” graças ao poder das plantas. Por isso, elas podem ser acionadas para potencializar o ritual de benzimento, trabalhando junto com as palavras e os gestos de quem benze. E para que o problema não volte é preciso finalizar o ritual jogando as plantas em água corrente ou então queimando, deixando as cinzas ao vento; dessa forma, o ciclo da doença se torna o mesmo que o da planta. Nesse sentido, serve qualquer galho ou ramo de planta recém-colhido; preferencialmente, eles devem ser coletados de algum lugar equilibrado já que têm justamente esse papel de equilibrar e direcionar as forças vitais e sagradas que circulam através e a partir de todo o ciclo ritual.

Por outro lado, alguns casos exigem tratamentos específicos e conforme a complexidade pedem associação com diferentes plantas. Estas, que são consideradas “boas para benzer”, são vistas como plantas de poder e, ao serem aplicadas, tem seus usos medicinais e rituais se sobrepondo. Entre elas estão algumas aplicadas para preparação do espaço em que o ritual se realizará – como a guiné, cujas folhas secas são bastante utilizadas para defumação. Ou ainda outras diretamente associadas aos procedimentos curativos, sobretudo para absorver energias negativas. É o caso de plantas como a assa-peixe (*Vermonia polysphaera*), também relacionada ao ritual de cortar verrugas (ILHEO, 2022).

O critério de escolha entre as diferentes plantas poderosas varia em função de cada caso, apontando não só várias ervas aplicadas para puxar os males como especificações que produzem diferença nos “níveis” de

poder. Isso fica claro quando diferentes especialistas em benzer afirmam que, no caso de crianças, concebidas como seres relacionados à pureza, sem maldade ou pecados, não é necessário utilizar plantas para puxar seus problemas. Já com adultos, muitas vezes não é suficiente apenas uma reza geral porque as situações ao longo da vida contribuem para algo como uma carga; é preciso realizar procedimentos específicos e, para puxar certas aflições, como mau olhado, é preciso contar com o poder de plantas como a arruda quando uma pessoa está muito “carregada” – o que significa repleta de inveja ou mesmo outros sentimentos que tornam-se maléficos, como o próprio quebrante quando muito forte. Essa é a planta considerada mais forte, usada também para limpezas e banhos em geral com a finalidade de descarregar os sentimentos prejudiciais – muito associada também ao sal grosso.

Considerando os conhecimentos sobre as propriedades medicinais das plantas, algumas delas são objetos de benzeção a fim de serem utilizadas posteriormente, completando o ciclo ritual que se inicia com o ritual feito pela pessoa especialista. Isso pode ocorrer quando alguém leva uma erva benzida para que possa preparar seu banho em casa, quantas vezes bastem. Outro exemplo de planta poderosa é o alecrim (*Rosmarinus officinalis*), que em forma de chás e infusão tem ainda suas folhas aplicadas ao tratamento de coisas como enxaqueca, debilidades cardíacas, febre tifoide, gases intestinais, inapetência e tosse, é contraindicado para pessoas com pressão alta; sua loção é mencionada como potente no combate de gangrenas e reumatismo articular.

As plantas aparecem associadas ao ritual por meio não só do benzimento de pessoas e animais, aplicadas diretamente no ritual, como podem tornar-se objeto desse ritual – como quando ocorre a bênção de água e essa água é utilizada para molhar plantas a serem curadas, por exemplo, em casos de queda na produção ou praga em uma área de cultivo agrícola em pequena e média escala ⁶. Além de operar enquanto tecnologia

⁶ A relação entre benzimento e plantas pode ser pensada ainda como parte de um sistema que engloba crenças coletivas e individuais nos procedimentos chamados simpáticos aplicados à agricultura local. Esse caminho foi apontado pelo *Inquérito sobre práticas e superstições agrícolas em Minas Gerais* (1971) – produzido por Maria de Lourdes Borges Ribeiro com o apoio da

de benzer, justamente por estarem a isso associadas, é que as pessoas acreditam que ter esse tipo de vida vegetal em casa já é uma estratégia para atrair bons agouros. Assim, espécies como Espada de São Jorge e Espada de Santa Bárbara (*Sanseveria* spp) podem servir para proteção de pequenos espaços, neutralizando qualquer força que possa causar malefícios. Pode-se dizer que seria algo como a prática de uma simpatia preventiva.

Com isso, se multiplicam o sagrado e a dádiva; da mesma forma, multiplicam-se os entendimentos sobre as plantas em vista de diferentes vertentes de benzedura. Como argumentado em Ilheo (2022, p. 170), as plantas fazem parte da economia de dádivas do ritual, tornando-se também sagradas enquanto parte desse fluxo – podendo, inclusive, ser objeto do ritual. De forma mais geral, suas potencialidades curativa e “circulatória” então reiteram sua concepção enquanto criaturas divinas, mediadoras da conexão com o sagrado. Outro fator relevante que chama atenção para um plano estrutural – mas que não é objeto deste texto, diante da complexidade de uma abordagem com a pluralidade religiosa no contexto brasileiro – são as variações relacionadas ao conhecimento produzido sobre as plantas e sua associação com cosmovisões e crenças também múltiplas. Isso abre, por exemplo, para disputas em torno de outras plantas sagradas como a ayahuasca, visando sua a normatização e regulamentação do consumo em contextos rituais.

Desses modos, a benzeção também vai se espalhando pela vida cotidiana, extrapolando os momentos em que o ritual é realizado, como a prática de abençoar e de colocar boas intenções ou intenções curativas nos preparos associados às plantas e seus frutos e folhas; tanto quanto fazê-lo com as sementes, antes de se tornarem novas plantas. Ainda se multiplicam conhecimentos sobre as propriedades – seja alimentares, medicinais ou rituais das plantas – promovendo um sistema classificatório que relaciona as habilidades de conhecê-las, mas também de cuidar e cultivar antes de aplicá-las com fins terapêuticos. Diante disso, o que determina se a aplicação de plantas na medicina popular é saudável ou não – além da seleção de plantas adequadas, da preparação criteriosa e

FUNARTE –, que contempla a região em questão.

da dosagem controlada – são os usos que delas são feitos, associados a saberes e habilidades para lidar com elas.

Nesse sentido, os conhecimentos acumulados coletivamente permitem a alguém que saiba as plantas certas, considerando que nem todas podem ser aplicadas como remédio em uma situação que pressupõe cura. Ou que saiba quando consumir plantas medicinais sem desconsiderar que nem todas podem ser consumidas, já que algumas podem ser ingeridas enquanto outras são tóxicas. Como exemplo de plantas apenas de uso externo – sobretudo em forma de garrafadas, pomadas, infusões e cataplasmas – a arnica (*Solidago microglossa*) e a cânfora (*Artemisia camphorata*) são exemplos muito citados como analgésicos e cicatrizantes, para tratar contusões, hematomas e dores musculares. Por isso é preciso saber como lidar com as plantas minuciosamente.

Esses saberes podem ser acionados eventualmente por qualquer pessoa que recorra à sua aplicação com finalidade curativa, mesmo que não faça uso constante de plantas medicinais. Os tratamentos, portanto, também têm a ver com circulação de plantas em diferentes escalas. O que pode estar relacionado tanto com o uso comercial – seja de espécies *in natura*, frescas ou secas, ou de preparados artesanais à base de plantas e produtos fitoterápicos – regulamentado e sem regulamentação, de forma “clandestina”, sem a mediação de normas sanitárias ou padronizações relacionadas a controle de qualidade. Como pelo consumo doméstico, passando por usos individuais e coletivos. Diante disso, as pessoas especialistas em conhecimentos sobre o cultivo e o manejo de plantas medicinais, sobre aspectos para sua consagração e preparo, se tornam ervateiros e ervateiras.

Então passam a serem reconhecidas e, por vezes, procuradas por outras pessoas para serem tratadas. Como no caso do benzedor Waldir, que é também um especialista na preparação de garrafadas feitas com plantas coletadas na região em que mora, na área rural entre os municípios de Campestre e Poço Fundo. Com isso, as propriedades medicinais e rituais se sobrepõem enquanto as plantas mostram para fundamentos a partir dos quais bênção e cura são produzidas: isto é, enquanto a benzeção implica a lógica da dádiva, impulsionada por um dom divino mobilizado

por meio de uma habilidade prática (a de benzer), as plantas extrapolam esse tipo de circulação e podem envolver compensação monetária pelo trabalho empreendido para transformar um vegetal em remédio (ILHEO, 2018).

Tais especialistas também desenvolvem seus conhecimentos sobre plantas sem, necessariamente, assumirem um ofício e dedicarem-se exclusivamente a essa atuação; ou seja, em uma escala doméstica com usos individuais. Dessa forma, os saberes são aplicados sem necessariamente estarem enredados por concepções religiosas modulando esses usos, quando suas propriedades medicinais é que determinam os entendimentos sobre as espécies vegetais e suas interações com animais e pessoas (CAMARGO, 2005; 2014). Uma dessas pessoas é Dona Neide: professora aposentada, participante ativa de atividades leigas religiosas, como a catequese e grupo de orações, conhecedora do cotidiano e da história campestre. Isso fica claro quando, ao chegar a sua casa, cada um é convidado a conhecer seus vasos espalhados pelo quintal, incluindo espécies ornamentais e outras medicinais – como alecrim e a insulina (*Cissus verticillata*), cujo chá é consumido para o tratamento de diabetes, como se dá com a insulina sintetizada em laboratório, controlando os níveis de açúcar no sangue. Além das que cultiva ali mesmo em sua casa, ela tem acesso a plantas produzidas em outros locais, complementando seu repertório medicinal caseiro. A que mais utiliza é uma dessas, a sucupira (*Pterodon emarginatus*) que, segundo ela, é aplicada no tratamento de reumatismo, dor de garganta e de cabeça através do óleo extraído das sementes.

Assim é que esses conhecimentos vão sendo produzidos e incorporados, mediados pela inserção de tais pessoas na vida social, em espaços como a escola. Isso pode ser visto através de um material idealizado por D. Neide – que, um dia, decidiu levar ao corpo profissional a ideia; com sua adesão, passou a orientar professores e alunos para sua execução, auxiliando ainda na elaboração de um catálogo como parte das atividades de pesquisa e exposição de um projeto coletivo em 1992 - e produzido no âmbito da Semana Cultural do Colégio Municipal Cônego Artur, uma das mais antigas na cidade de Campestre. Esses registros indicam um interesse pela produção de conhecimentos sobre os hábitos

loais, considerando suas especificidades culturais, o que inclui o uso de plantas e ervas medicinais.

IMAGEM 1: Arruda



IMAGEM 2: Café



Fonte: “Plantas e Ervas medicinais”, 1992, Arquivo da Semana Cultural do Colégio Municipal Cônego Artur.

O material traz uma quantidade considerável de plantas utilizadas na alimentação – atravessando a culinária regional, suas receitas, comidas e ingredientes, assunto que também foge ao tema deste ensaio – cujas propriedades medicinais são mencionadas. Somados os relatos etnográficos às menções catalogadas, foram listadas 82 espécies de plantas com usos medicinais. Fato que ajuda a entender não só a justaposição entre saúde e alimentação, como direciona para as espécies vegetais mais presentes nesse contexto, moduladas por entendimentos moldados pela encruzilhada de todos esses saberes a fim de ter uma vida equilibrada. E, para isso, o corpo

múltiplo é fundamental. Essas encruzilhadas, logo, podem também se materializar de muitas formas.

Isso vai se dando a partir de uma preocupação com o levantamento de informações como os nomes populares, os nomes científicos e as aplicações relatadas em função das propriedades medicinais (CAMARGO, 1998; 2005; 2014; MINAYO, 1988). Os critérios utilizados então, por cada aluno-pesquisador, foram as plantas com usos relatados no espaço de sua casa ou entre familiares; especialmente, aquelas que poderiam ser coletadas facilmente para compor o catálogo enquanto ilustração da informação apresentada, mas também enquanto um registro material de sua presença no local. O efeito disso são apropriações criativas das plantas nativas e também introdução das informações apresentadas para toda a comunidade (alunos, pais, professores, etc.), incluindo descobertas como usos medicinais de plantas com as quais se tem relações agrícolas em maior escala, como o café (Imagem 2).

É possível compreender esse repertório com base no cruzamento entre os tipos de tratamentos, os usos medicinais e os diferentes tipos de plantas alimentícias. Sejam elas convencionais, englobando diferentes categorias de alimentos como temperos, verduras, frutas e legumes, listados a seguir (Tabela 1). Ou sejam ainda tais plantas consideradas não-convencionais, como as folhas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) que são utilizadas como fonte de vitaminas.

TABELA 1: Plantas medicinais e alimentares

NOME POPULAR	PARTE UTILIZADA	FORMA DE UTILIZAÇÃO	APLICAÇÕES
Abacate (<i>Persea americana</i>)	Folhas, flores, casca e polpa do fruto	<i>In natura</i> e chá	(Polpa) estimulante sexual, fonte de vitaminas; (casca do fruto) vermífugo; (casa, folhas e flores) diurético.
Abóbora (<i>Curcubita moschata</i>)	Flores e sementes	Infusão e pó das sementes	(Flores) distúrbios gástricos; (sementes) inflamações no trato urinário, trata febre.
Alcachofra (<i>Vernonia condensata</i>)	Folhas e raiz	Chá	(Folhas) trata febre e distúrbios hepáticos; (raiz) diurético, trata colesterol.
Alface (<i>Lactuca sativa</i>)	Folhas	Não informado	Palpitação, conjuntivite, insônia, excitação nervosa, reumatismo.
Alho (<i>Allium sativum</i>)	Bulbos (“dentes”)	Chá	Dores de garganta, tosse, resfriado.
Amora (<i>Morus</i> sp)	Folhas	Chá	Trata inflamações na boca e garganta, amigdalite, adstringente.
Cafê (<i>Coffea</i> sp)	Folhas	Infusão	Combate obesidade e edemas.
Canela (<i>Cinnamomum zeylanicum</i>)	Casca do caule	Chá	Abortivo (estimula a contração uterina).
Cenoura (<i>Daucus carota</i>)	Folhas e raiz	Chá	Calmante, contra polineurite, auxilia na cicatrização de rachaduras no seio comuns devido à amamentação.
Cravo (<i>Dianthus caryophyllus</i>)	Flores	Chá e infusão	Termogênico, contra vertigem, trata dores de cabeça.
Feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>)	Folhas e grãos	Farinha e cataplasma	(Farinha) reumatismo; (cataplasma) trata dores ciáticas e nevralgia.
Figo (<i>Ficus carica</i>)	Fruto	Infusão da farinha ou fruto	(<i>In natura</i>) laxante; (infusão da farinha) bronquite, coqueluche.
Gengibre (<i>Zinziber officinale</i>)	Tubérculo (rizoma)	Chá	Dores de garganta; anti-inflamatório.

Goiaba (<i>Psidium guajava</i>)	Todas	Chá e infusão	(Folhas, flores e raiz) diarreia, inflamação na garganta; (casca) úlceras estomacais.
Jaboticaba (<i>Myrciaria cauliflora</i>)	Casca do fruto	Chá	Afecções de garganta e diarreia.
Laranja (<i>Citrus aurantium</i>)	Folhas, flores e casca do fruto	Chá	(Casca) tônico estomacal, estimulante; (folhas) calmante, termogênico; (flores) calmante, cólicas intestinais.
Limão (<i>Citrus limonum</i>)	Folhas, casca e suco do fruto	<i>In natura</i> e chá	(Casca) tônico estomacal, estimulante; (suco) antisséptico, reumatismo, elimina caspa, doenças de pele em geral, gripe, cálculos, distúrbios hepáticos, insônia, dores na garganta; (folhas) termogênico, trata febre.
Louro (<i>Laurus nobilis</i>)	Folhas e frutos	Chá	Anúria, reumatismo, nevralgia, trata úlceras, dispepsia, amenorreia.
Manjeriço (<i>Ocimum basilicum</i>)	Folhas e flores	Chá	Distúrbios gástricos, cicatrizante.
Maracujá (<i>Passiflora edule</i>)	Folhas	Chá	Toda a planta possui propriedades calmantes. O chá é sedativo e usado em caso de perturbações nervosas.
Milho (<i>Zea mays</i>)	“Cabelos”	Chá	Diurético, contra cálculos renais e na bexiga.
Morango (<i>Fragaria vesca</i>)	Folhas e raiz	Chá	(Folhas) diarreia; (raiz) diurética e adstringente.
Uva (<i>Vitis vinifera</i>)	Casca do fruto	Chá	Distúrbios hepáticos e no trato urinário, bronquite, tuberculose; (casca) laxante.

Fonte: Elaboração a partir de “Apêndice 3. Plantas e ervas da medicina popular em Campestre (MG)” (ILHEO, 2018, p. 103-109).

Além da interseção com a alimentação, é possível compreender a relação entre plantas e saúde a partir de sua aplicação medicinal para tratar partes do organismo, apontando possíveis classificações ou agrupamentos de um conjunto de espécies vegetais em função de suas propriedades.

Dessa forma, sem desconsiderar outras propriedades secundárias, uma série de plantas é reconhecida justamente por sua utilização específica. É o caso de plantas voltadas para tratar o sistema respiratório – como a hortelã, a avenca (*Adiantum capillus-veneris*), o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) ou o guaco (*Mikania glomerata*). Outras que são utilizadas para melhorar sintomas gastrointestinais – como, por exemplo, o funcho (*Foeniculum vulgare*), a macela (*Achyrocline satureioides*), o sene (*Cassia angustifolia*) e a tanchagem (*Plantago major*). Algumas ainda tratam problemas hepáticos, como o boldo (*Peumus boldus*), e outras contribuem para tratar problemas renais – como cipó-meloso ou capim-gordura (*Melinis minutiflora*) e a quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*). Mas há ainda aquelas relacionadas ao sangue, contribuindo para a depuração, a circulação e a coagulação – como o barbatimão (*Stryphnodendron barbatiman*), a caroba (*Jacaranda puberula*) e a sete-sangria (*Cuphea carthagenensis*).

Especialmente despertadas por meio de infusões, tais propriedades são anti-espasmódicas, calmantes, emolientes, digestivas, entre outras. Esse horizonte mostra uma incorporação de termos do discurso médico, mas também a busca por propriedades medicinais que possam ser equivalentes, complementares ou substitutivas de fármacos. Assim as plantas são vistas como remédios naturais, podendo ser consumidas simultaneamente aos fármacos para aumentar seu efeito. No entanto, não se trata de um tipo de remédio a ser consumido somente quando alguém está doente; por vezes, essas substâncias são incorporadas e ingeridas diariamente, como parte da alimentação, especialmente em forma de chás.

Portanto, o que se observa é que as plantas são mobilizadas a partir da ciência sobre suas propriedades medicinais, considerando a oferta disponível em casa, na comunidade, nos espaços comuns e privados espalhados pelo entorno do local onde cada pessoa vive; mas também daquilo que se consegue por meio do fluxo, que engloba as cidades da região e vai além, incorporando plantas de longe ou produtos fitoterápicos vindos de um contexto tido como “estranho” no sentido de distante. Isso ainda engloba aquelas plantas que, não necessariamente tem um valor nutritivo significativo, mas que são associadas a determinado tratamento medicinal de forma inconvençãoal – como o uso de folhas e flores de

violeta (*Viola* sp) contra tosse e coqueluche, ou da infusão de folhas de ipê (*Tappebunia* sp) contra problemas hepáticos.

Além de um entendimento sobre a benzeção que rompe fronteiras entre a religião e a medicina popular, a pesquisa etnográfica no sul de Minas Gerais apontou para a presença das plantas vinculadas a esse fenômeno – o que alguns pontos presentes na bibliografia sobre o tema em tal contexto. O primeiro fato documentado é a utilização de plantas para benzer e o significado simbólico sagrado e com a sacralidade que se constrói no cotidiano vivido (ILHEO, 2022). Outro diz respeito à relação entre o que elas simbolizam e o que materializam, ou seja, uma bênção ou cura, seja no plano espiritual ou físico (POEL, 2018; PEREIRA & GOMES, 2018). Por isso interessa compreender localmente os usos de plantas e as continuidades ou rupturas com o ritual.

Dados incorporados durante a pesquisa de mestrado ajudam a compreender essa relação (ILHEO, 2022); eles vão compor o material que serve de base ao quadro analítico, em continuidade ao trabalho realizado anteriormente (ILHEO, 2018). Por meio de um questionário veiculado pela internet através da rede de interlocução, foi possível compor uma amostra de 70 pessoas que habitam ou habitaram a região; são adeptas e não adeptas do benzimento, nascidas entre as décadas de 1940 e 2000. Um terço delas é composto por mulheres; outro terço dessas pessoas é casada e metade solteira, sendo que 60% não tem nenhum filho e 40% têm um ou mais filhos. São pessoas de todas as escolaridades, desde escolaridades em níveis básicos como pós-graduados, incluindo funcionários públicos, autônomos e profissionais do terceiro setor.

No que se refere à religião, 66% dessas pessoas se considera religiosa enquanto 34% não; metade dos religiosos é católica e cerca de 30% não frequenta nenhuma instituição religiosa. Vale notar que – acompanhando dinâmicas gerais do trânsito no campo religioso brasileiro – o catolicismo aqui se relaciona a um pertencimento religioso herdado, sobretudo através dos hábitos do núcleo familiar próximo. A mudança está relacionada a um vetor de saída em duas direções: seja deixando de ser católico e abandonando de vez a prática religiosa (passando a identificar-se com elementos relacionados ao ateísmo e ao agnosticismo, por exemplo), ou

redirecionando sua experiência da religião passando por um processo de espiritualização (passando a identificar-se com elementos relacionados ao espiritismo e à umbanda ou às tradições orientais, como o Reiki).

No que se refere à prática de benzimento, tem-se que 95% das pessoas foi benzida quando era criança, mas é possível notar uma redução de 30% na adesão dessas pessoas na idade adulta, mostrando que elas deixam de procurar benzedoras ou benzedores quando crescem. Esse fato evidencia a importância dos laços familiares ou comunitários para a transmissão geracional da adesão à benzeção, por um lado, em vista de uma redução mais concentrada entre pessoas que migraram do contexto local – ou que, mesmo fora da região, tiveram a experiência de passar de um modo de vida rural para outro centrado na vida urbana, saindo de um lugar de origem. Por outro lado, reforça a presença de benzedoras e benzedores na vida das pessoas, das quais cerca de 70% afirma ter um parente que se dedica a tal ofício; quase 40% afirma recorrer à benzedura quando pode, mesmo sem estar doente, enquanto 15% dizem que procuram esta alternativa quando estão doentes e 28% nunca recorrem ao ritual. Entre essas pessoas o fenômeno é entendido como parte da religiosidade, da medicina e da cultura popular, considerado patrimônio cultural, pautado por memórias coletivas e individuais associadas aos atos de abençoar, bendizer e curar. Sua importância tradicional é reforçada ao ver que cerca de 80% das pessoas que responderam ao questionário consideram que benzedoras e benzedores são agentes importantes para a manutenção da saúde coletiva; já o seu reconhecimento enquanto patrimônio cultural imaterial é apoiado por 95% delas, quase sua totalidade.

Ao olhar especificamente para as respostas sobre os usos de plantas medicinais, é possível constatar que não são homogêneas. Nota-se que 80% de tais pessoas afirma que faz uso de ervas com finalidade terapêutica. Enquanto algumas pessoas declaram o uso de plantas medicinais e a adesão ao benzimento, outras fazem uso de plantas apesar da não adesão ao ritual. Entre quem faz uso, as modalidades mais reportadas são associadas à ingestão, o que significa o consumo de plantas – considerando as partes específicas (estruturas vegetais, isto é, sementes, fruto, caule, folha ou raízes) e as formas de preparo adequadas, bem como que, eventualmente,

sua consagração – em forma de chás (77%) e infusão (24%). As plantas mais mencionadas nesse sentido foram hortelã (53 pessoas), camomila (44 pessoas), boldo (29 pessoas), melissa (20 pessoas); outras plantas menos consumidas são a ora-pro-nobis, o sene e a sucupira, além de guaco, arnica, erva doce, erva cidreira. Também são mencionados o consumo das plantas “boas para benzer” com base em suas propriedades medicinais e não rituais, como o alecrim (27 pessoas) e arruda (23 pessoas).

Outra forma bem específica de consumir plantas medicinais se dá através de garrafadas, cuja interação – seja com o uso interno por meio da ingestão ou o uso externo, na maioria das vezes tópico – depende do tipo de planta e do modo como é preparada a infusão, seja adicionando diferentes tipos de substâncias alcoólicas (álcool de cereais ou cachaça, por exemplo) ou oleosas, como azeite, para a extração e diluição dos princípios ativos. Esse conceito é mobilizado por 7% das pessoas, especialmente pelas mais velhas, em referência ao mundo “dos antigos” onde a hegemonia terapêutica era de agentes populares como as benzedadeiras, parteiras e ervateiras.

O uso externo de plantas e ervas medicinais também é significativo nesse contexto, sendo apontado principalmente através de pomadas, extratos, tinturas, emplastros ou compressas. Apesar de ser menos recorrente e estar associado às pessoas declaradas mais próximas de vertentes espiritualistas – o que é uma parcela reduzida em relação aos católicos, mas também de evangélicos e mesmo de pessoas sem religião para a região –, não se pode ignorar menções aos usos de óleo essencial, banhos, florais e produtos fitoterápicos – tanto preparados em casa, seja para uso próprio ou por terceiros, quanto comercializados em larga escala em estabelecimentos igualmente variados.

Outra relação com as plantas é estabelecida por pessoas que dizem não fazer uso medicinal, mas informam o consumo de diversas espécies na alimentação, especialmente como temperos – como canela (36 pessoas), alho (33 pessoas), e manjerição (29 pessoas). Ou mesmo em forma de chá, mas sem associar sua ingestão a alguma propriedade medicinal – ou seja, um mesmo chá, de uma mesma planta, que pode ou não ser considerado medicina e eventualmente veículo de bção. Nesse

caso, os chás são vistos enquanto alimento e não como remédio e são consumidos como parte das refeições ou complemento a elas. Assim, são incorporados na alimentação como um exercício constante de cuidado com a saúde, considerando benefícios para a saúde como, por exemplo, o fortalecimento do sistema imunológico.

Ao comparar o material catalogado através das pesquisas em Campestre com a amostra constituída das respostas para o questionário online, o que fica mais evidente é uma redução considerável no número total de espécies vegetais citadas, assim como uma menor variação – o que significa que várias pessoas citaram as mesmas plantas. Tentando entender essa constatação, por um lado, isso pode ser explicado por um contato descontinuado com a vida rural que, quando substituído por uma vida urbana, desencadeia a diminuição no contato direto e diário com a natureza – consequentemente, impacta em um menor consumo de plantas frescas, seja por sua finalidade alimentar, medicinal e afins. Portanto, pode-se compreender a diminuição no uso de plantas medicinais dentro de um plano mais amplo no qual tem se transformado os modos de vida diante de mudanças tecnológicas, ou mesmo diante de alterações ambientais e a perda da biodiversidade.

Por outro lado, é possível relacionar esta hipótese com a crescente medicalização da saúde e a introdução de remédios sintéticos, em sua maioria produzidos a partir de compostos naturais manipulados com base em conhecimentos tradicionais, então desapropriados e reincorporados, descolados de seus usos rituais e alimentares, entre outros. Se os usos tradicionais podem encontrar barreiras – como a falta de entendimento e o preconceito –, sobretudo em espaços institucionais voltados para o cuidado com a saúde, como os hospitais, a sua utilização contemporânea também aponta para a resistência e a importância desses saberes em um mundo cada vez menos sustentável.

Conforme se procurou evidenciar, a partir das plantas é possível acessar um debate complexo que vai muito além das relações entre espécies vegetais, animais e humanas. Refletir sobre seus usos medicinais leva muito além de debates sobre as propriedades físico-químicas e farmacológicas das plantas; portanto, há um descompasso entre o conhecimento

científico produzido sobre o tema e o que pode ser verificado na prática, em relação aos seus usos, ocasionado a partir de “perguntas” diferentes acerca de um mesmo problema. Enquanto um cientista pode-se perguntar qual a eficácia ou qual o princípio ativo, conhecimentos associados aos usos tradicionais das plantas evidenciam – além da infinita diversidade no campo do conhecimento e das apropriações que deles se fazem – a uma trama relacional que aponta para: interações interpessoais através dos quais os saberes são produzidos e circulam; interações interespecíficas que demonstram que os sentidos atribuídos para o mundo e suas criaturas são processados de forma criativa, com base em princípios de experimentação e verificação empírica; assim, esses significados não poderiam ser puramente dados, mas formulado a partir desse emaranhado vital. Falar disso tudo, nesta perspectiva, pressupõe incluir ainda forças sobre-humanas.

Os conflitos ontológicos citados, portanto, evocam entendimentos múltiplos sobre a multiplicidade de relações que compõem um organismo vivo com a forma de um “corpo”, seja ele animal ou vegetal. Do mesmo modo, a relação entre aspectos separados por uma grande divisão como natureza e cultura; dentro e fora ou interno e externo; natural e cultura; sujeito e objeto; humano e não-humano, entre outras dimensões, é constantemente negociada de forma criativa, definindo-se contínua e processualmente. Nesse sentido, não há um conceito fechado sobre o que são pessoas ou o que são plantas; nem um único entendimento sobre a saúde, as doenças e as formas de tratá-las; nem uma única forma de compreender essas plantas como seres (e não agentes) curativos. Então, as plantas implodem qualquer oposição entre as medicinas populares ou tradicionais e as medicinas científicas, apontando para sua complementaridade e para a porosidade dessas definições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que se tem chamado de “virada vegetal”, nos últimos anos, pesquisadores de diferentes áreas – desde biologia até as ciências sociais, passando pela literatura – tem se dedicado a desfazer mal-entendidos formulados sobre as plantas (MANCUSO, 2019; 2021;

NASCIMENTO, 2021). O que inclui não apenas aspectos fisiológicos, morfológicos, farmacológicos ou químicos, mas retoma a presença das espécies vegetais através de sua vitalidade, que envolve e se relaciona com outros seres em um ambiente que faz parte de um organismo vivo – a Gaia de James Lovelock (1991) que, em vista da degradação provocada pelos impactos da ação humana no mundo, colocando toda a vida na Terra sob ameaça, mostra-se enfraquecida; mas, paradoxalmente, se mostra potente e tem nas formas de resistência contra esses avanços uma esperança de sobrevivência.

Esse movimento então coloca uma série de desafios diante da tarefa de conhecer as plantas sem desconsiderar sua própria inteligência, suas habilidades e sentidos; não atribuindo características humanas, mas nos permitindo ouvir as vozes que até então sempre foram abafadas – sobretudo em face da fratura ambiental, atrelada a rupturas provocadas pelo colonialismo e que se desdobram no presente como conhecemos (FERDINAND, 2022). Com isso se mostra urgente pensar sobre ecologia no sentido estrito, assim como em um sentido alargado: considerando uma trama para refletir sobre os impactos de ações isoladas e coletivas para a vida como um todo. Mas sem desconsiderar as relações de poder e assimetrias que modulam entendimentos sobre o que constitui cada vida em seus próprios termos. E então entender de que forma a nossa humanidade – por vezes desumana – se constituiu, sempre de modo relacional; o que não significa nos colocarmos na posição de outros seres, mas conhecer o mundo através dessas outras relações, evidenciando os mecanismos e termos pelos quais elas são constituídas em ontologias variadas.

Para além de questões biológicas que atravessam essa “teia da vida” (CAPRA, 2014; INGOLD, 2015), o tema aponta para uma questão latente e que talvez caiba à história natural responder, correspondente à evolução das plantas e de suas substâncias. Outra questão, e que talvez caiba à arqueologia desvendar, é a relação entre as plantas e a evolução humana (do ponto de vista biológico e cultural em consonância). E, finalmente, no que toca à antropologia e se aproxima do objetivo deste ensaio, se coloca um longo caminho para ser trilhado: o de compreender diferentes modos de conhecimento sobre as plantas, formas de cultivo e manejo, além de

aplicações nas diversas esferas da vida social de forma integrada. Dito de outra forma, buscar entender como as pessoas cultivam plantas e como as plantas cultivaram as pessoas, possibilitando sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. *O espírito da floresta: A luta pelo nosso futuro*. 1ª edição. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023.
- ARAÚJO, Melvina A. M. *Das ervas medicinais à fitoterapia*. Cotia, SP: Ateliê: FAPESP, 2002.
- BARRETO, João Paulo Lima. Bahserikowi – Centro de Medicina Indígena da Amazônia: concepções e práticas de saúde. *Amazônica – Revista de Antropologia*, 9.2, 2017, p. 594-612.
- BARROS, Nelson Filice de. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: uma ação de inclusão. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 11, 2006, p. 850-850.
- BERNARDES, Marcelo E. No liminar dos mundos: religiosidades, representações e vivências no catolicismo popular em Caldas, Sul das Minas Gerais. *Temáticas*, v. 31, n° 61, 2023, p. 50-80.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde*. Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006*. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde.
- BRASIL. *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. *Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) n. 13 de 14 de março de 2013. Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos*. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), 2013.

- BRASIL. *Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015*. Regulamenta o inciso II do § 1o e o § 4o do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1, a alínea j do Artigo 8, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3o e 4o do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto no 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória no 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. 3ª edição. Uberlândia, MG: EDUFU, 2007.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *Medicina popular nas caatingas do Geopark Araripe Ceará*. Coleção Cadernos de Folclore, volume 25. São José dos Campos, SP: Centro de Estudos da Cultura Popular / Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2019.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. Revisão da noção de eficácia simbólica em Lévi-Strauss, considerando-a em contexto da Etnofarmacologia. *Revista Nures*. Ano x. Número 26, janeiro-abril/2014, 12p.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 15/16, p. 395-410, 2005.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. As plantas na medicina popular e nos rituais afro-brasileiros. *Revista de Investigações Folclóricas*, v. 13, p. 56, 1998.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *Garrafada*. 1ª edição. Rio de Janeiro: MEC, 1975.
- CAPRA, Fritjof. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo, SP: Cultrix, 2014.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo: pesquisas na cultura popular do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Global, 2013.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12ª edição. São Paulo: Global, 2012.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias para uso das familias, contendo a descrição das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros países; e muitos conhecimentos uteis*. 6ª edição. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.
- FARMACOPEIA POPULAR DO CERRADO. Jaqueline Evangelista Dias e Lourdes Cardozo Laureano (coord.). *Farmacopeia Popular do Cerrado*. Goiás, GO: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009.
- FERDINAND, Malcom. *Uma Ecologia Decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. 1ª edição. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2022.
- FERNANDES, Tania Maria Dias. *Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil*. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, 2004.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. *A metamorfose das plantas*. 1ª ed. São Paulo, SP: Edipro, 2019.
- ILHEO, Mariana de Carvalho. Senhoras do sagrado, médicas do povo: a atuação das benzedeadoras em Campestre (MG). *Koan – Revista de Educação e Complexidade*, ed. 5, 2017, p. 109-130.
- ILHEO, Mariana de Carvalho. *Tradição e prática: um estudo etnográfico do benzimento em Campestre (MG)*. Coleção Monografias, nº 27. Campinas: Publicações IFCH, 2018.
- ILHEO, Mariana de Carvalho. *Benzimento em movimento: materialidade, bênçãos e curas no sul de Minas Gerais*. Coleção Cadernos de Folclore, volume 28. São José dos Campos, SP: Centro de Estudos da Cultura Popular / Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2022.

- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. STEIL, Carlos A.; CARVALHO, Isabel (orgs.). São Paulo: Editora Terceiro Nome: 2012, p. 15-29.
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Revista Educação*, v. 33, nº 1, p. 6-25, 2010.
- LOVELOCK, James. *As eras de Gaia: a biografia de nossa Terra viva*. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Editora Campus, 1991.
- MANCUSO, Stefano. *A revolução das Plantas: Um Novo Modelo para o Futuro*. 1ª edição. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2019.
- MANCUSO, Stefano. *A incrível viagem das Plantas*. 1ª edição. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp Von. *Plantas usadas pelos brasileiros e suas substâncias medicinais*. 1ª edição. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2023.
- MINAYO, Maria Cecília. Representações da cura no catolicismo popular. IN: ALVES, P.C; MINAYO, M.C. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FIOCRUZ, 1994, p. 57-71.
- MINAYO, Maria Cecília. Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 4, nº 4, 1988, p. 363-381.
- MOL, Annemarie. *The Body Multiple: Ontology in medical practice*. Durham, London: Duke University Press, 2022.
- MOL, Annemarie. Políticas ontológicas: algumas ideias e várias perguntas. In: MOL, Annemarie (Org.) *Objetos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Afrontamento, p. 63-75.

- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Medicina Popular*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021.
- PEREIRA, Edmilson de A.; GOMES, Núbia P. de M. *Assim se benze em Minas Gerais*. Um estudo sobre a cura através da palavra. 2ª Ed. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2018.
- PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALOUN, Sidney et al (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 307-330.
- POEL, Francisco van der. *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba, PR: Nossa Cultura, 2013.
- POEL, Francisco van der. *Com Deus me deito, com Deus me levanto*. São Paulo, SP: Paulus, 2018.
- RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. *Inquérito sobre práticas e superstições agrícolas de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro / MEC, 1971.
- SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem médica popular no Brasil*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Barreto e Cia., 1936.
- SILVA, Irene de Jesus; MAUÉS, Raimundo Heraldo. Na busca da cura do corpo, a oração opera milagres: uma discussão sobre eficácia simbólica, perspectivismo, cura e religião. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 11, p. 965, 2013.
- SIQUEIRA, Giseli do P. Saberes de cura: registros do ofício de benzer no município de Poços de Caldas – MG. *Anais do 30º Congresso Internacional SOTER*. Belo Horizonte, MG: Organização SOTER, 2017, p. 1400-1407.
- TEIXEIRA, Fausto. *Medicina popular mineira*. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Organização Simões, 1954.

WEITZEL, Antonio H. *Folcmedicina: a medicina do povo*. Divinópolis, MG: Adelante, 2022.

Texto recebido em 20/01/2024 e aprovado em 22/05/2024